

## AS REGIÕES E A REGIONALIZAÇÃO

### META

Apresentar a região como resposta local aos processos econômicos, como foco de identidade cultural e como meio de interação social, analisando a existência e a exclusão das fronteiras.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar a região como foco de Identidade Cultural; estabelecer a região como meio de interação social;  
entender e explicar as questões dos limites e fronteiras.

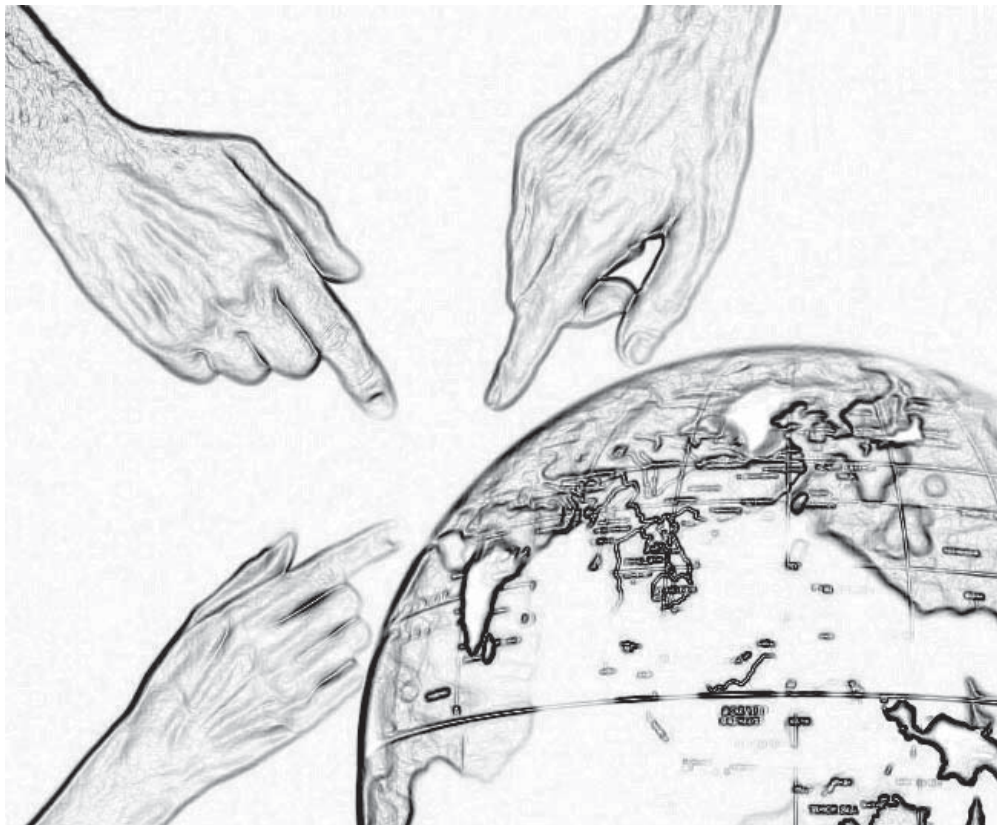
### PRÉ-REQUISITOS

Leitura da obra *Fronteiras e nações*, de André Roberto Martin, p. 46 a 65.



### INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), como você deve estar sabendo, nas aulas anteriores tratamos das diversas causas de conflitos. Acontece que, com a crescente desigualdade entre países, regiões e indivíduos, e com a exaltação de culturas e modos de vida diferentes, demonstra-se uma racionalidade contraditória. Ao mesmo tempo em que as pessoas se ajustam aos modos de vida ocidentais, tendo como prioridade o consumismo exagerado, procuram preservar a cultura e os modos de vida tradicionais, trazendo para a pauta do debate a valorização das instituições e organizações que trabalham com comunidades locais. No entanto, a intensa competição econômica internacional resultante da denominada globalização, ou seja, da mundialização do capital, que você já estudou na aula anterior, estende-se para os grupos que residem fora de seu país de origem, causando conflitos nas diversas partes. Assim, nesta aula, vamos refletir sobre a região como foco de identidade cultural e como meio de interação social, analisando as diversas fronteiras e limites. Em tempo, você já pensou em que consiste a questão de fronteiras e limites?



## REAÇÃO LOCAL

O que se propõe na análise da região, como resposta local ao processo de acumulação no modo de produção capitalista, baseia-se na preocupação das desigualdades sociais. Mas, você precisa saber que essas desigualdades são também resultantes do processo de diferenciação entre **acumuladores** e **expropriados**. Muitos estudos regionais têm como categoria fundamental, para a análise da região, o desigual desenvolvimento geográfico. Neste sentido, diversos autores de formação originária do **marxismo** têm preocupação fundamental com a categoria do modo de produção, elemento essencial de abordagem, uma vez que destaca a inserção do modo capitalista no espaço para explicar o funcionamento da economia e sua expressão espacial.

A existência de regiões com níveis de desenvolvimento desiguais resulta da articulação dos modos de produção em sua dimensão espacial.

No contexto da resposta ao processo capitalista, de acordo com Bezzi,

(...) é importante ressaltar que a região, (...) deve ser entendida sob dois ângulos. Inicialmente, ela é a síntese espacial de processos de acumulação. Deve ser apreendida, pois, como um fenômeno essencialmente econômico, tendo perdido, portanto, o valor intrinsecamente geográfico, para adquirir a significação que lhe permitem as condições concretas e físicas diferentes do processo capitalista. A outra interpretação (...) é que o contexto materialista tenta fornecer uma “nova roupagem” à antiga noção de região, enfatizando sua preocupação com o social (2004, p. 205).

Dessa forma, entende-se a região como um espaço geográfico voltado para o indivíduo. A região abrange a problemática do espaço que rodeia o homem, e nela reside a dinâmica social, a estrutura econômica, as questões políticas, as manifestações culturais e ideológicas que lhe são inerentes. Para uma caracterização totalizante de região, ou seja, para explicar direito como ela é de fato, a ênfase é dada na teorização do processo de desenvolvimento capitalista. Dentre os pressupostos, está a análise prática do que identifica as estruturas culturais, políticas e econômicas desenvolvidas historicamente dentro da região, assim como em relação a outras regiões.

## A REGIÃO COMO FOCO DE IDENTIDADE CULTURAL E INTERAÇÃO SOCIAL

Os estudos sobre a paisagem, lugares específicos especiais, e formas de manifestações culturais trazem à tona uma noção de região, que vem explicá-la como foco de identidade. Os lugares vividos e os espaços sociais

### Acumuladores

São os que detêm os meios de produção: terras, equipamentos, dinheiro etc.

### Expropriados

São os que nada têm, a não ser a sua força de trabalho para vender em troca do sustento para refazer a força e continuar trabalhando.

### Marxismo

É a doutrina que explica, entre outras coisas, esse processo de exploração do homem pelo homem, ou exploração capitalista.

**“As atitudes do homem, quanto ao seu território e ao seu lugar, são semelhantes às dos animais que defendem seu espaço vital contra os intrusos”.**

coerentes em certas especificidades, como cidades, bairros, praças, estádios etc., fazem da região um conjunto com uma estrutura própria, ao que se denomina combinação regional. Nesse sentido, amplos estudos demonstram a necessidade que o homem tem de conhecer seu território e o lugar onde vive. As atitudes do homem, quanto ao seu território e ao seu lugar, são semelhantes às dos animais que defendem seu espaço vital contra os intrusos. Dessa forma, o ser humano se faz agente da organização de seu território, ou mesmo de determinação de uma porção da superfície terrestre, usando

para isso a razão e a emoção. Isso porque, graças ao papel da emoção e ao do pensamento, como principais elos entre o homem e uma determinada porção do espaço, o homem fixa raízes ao seu território, entendendo essa porção do espaço como aquela a que dedicou sua vida, seus valores e na qual reproduziu seus meios de produção e subsistência. Afinal, foi ali que ele nasceu, cresceu, brincou, fez amigos, estudou, às vezes até casou e teve filhos. Para cada indivíduo ou grupo humano, portanto, a valorização do espaço e lugar se expressa em suas atitudes para com o meio ambiente.

A ênfase nos princípios culturais, no entanto, pode estimular o preconceito, a intolerância e a hostilidade contra aqueles que não fazem parte do grupo. Na aula anterior, por exemplo, você viu como isso pode levar uma sociedade a reforçar, sob a forma de intolerância, os seus laços tradicionais de solidariedade em torno da cultura, língua, religião e identidade étnica. Como exemplo mais claro, temos o caso da população islâmica residente em França.

### CONTRA A FÉ EXPLÍCITA

**“A França tem a maior comunidade muçulmana da Europa. A norma entrou em vigor em setembro. Em outubro, com a volta às aulas, as duas primeiras estudantes que insistiram em ir à escola usando véu foram expulsas”.**

O Congresso francês aprovou, em fevereiro de 2004, a proibição de uso de sinais religiosos – como crucifixos, véus muçulmanos (chador) ou quipás judaicos – na rede pública de ensino do país. A decisão, tomada para assegurar o princípio laico das escolas francesas, provocou forte reação no mundo islâmico, que se sentiu o principal alvo da lei e vítima de preconceito. A discussão sobre o assunto arrasta-se desde 1989, quando estudantes muçulmanas foram impedidas de entrar num colégio francês usando o chador. A França tem a maior comunidade muçulmana da Europa. A norma entrou em vigor em setembro. Em outubro, com a volta às aulas, as duas primeiras estudantes que insistiram ir à escola usando véu foram expulsas. No Iraque, como forma de retaliação, os jornalistas franceses Christian Chesnot e Georges Malbrunot foram seqüestrados em 20 de outubro pelo Exército Islâmico para exigir que o governo da França revogue a lei. Eles

foram libertados em 21 de dezembro. Seria legítimo opor-se a esta lei apenas do ponto de vista da “liberdade de vestuário”, mas isso não é suficiente. Para expor a hipocrisia do Estado francês, precisaríamos ter em conta os objetivos políticos dessa lei e a particular situação política atual. Apenas poderão ser analisadas examinando as contradições da sociedade francesa em geral e as relações de classe em França e no mundo.

(Saiba mais sobre este assunto em: <http://www.paginavermelha.org/noticias/veu-frances.htm>).

Não se pode esquecer, caro aluno, ou querida aluna, que a região se desenvolve a partir da interação social regional e do poder nela articulado, ou seja, da relação entre um poder central e um espaço diversificado. É importante lembrar que o território é o resultado da organização de poder em um determinado espaço, e o Estado é o detentor deste poder. Assim, por princípio legal, a região é entendida como algo que emana do Estado.

Dessa forma, para evitar que a região seja vazia, ou destituída de uma realidade objetiva, o Estado interfere como agente modelador dos distintos quadros regionais. Ao elaborar e articular um conjunto de leis para um espaço específico, o Estado procura dar consistência à idéia de região. A região deixa de ser abstrata para se concretizar nas demarcações que o Estado realiza nos seus limites político-institucionais, onde sobrecruza seus horizontes socioeconômicos. Esses horizontes podem ser designados como fronteiras internas, em oposição às fronteiras externas, que delimitam a existência dos Estados e territórios nacionais.

A multiplicidade de limites fronteiraços regionais atende às conveniências dos interesses do poder, poder esse que emana do processo de acumulação e concentração do capital. Para explicar melhor, os interesses do poder de um grupo emergem, isto é, vão além da esfera econômica. Assim, analisarmos a região pela ótica do poder é complexo, pois as diversas formas de apreensão espacial/territorial da região não são aleatórias. Elas obedecem a fatores que podemos enumerar pela ordem de importância e influência. Em primeiro lugar está o sistema econômico, cujo modo de produção capitalista dita as formas de apreensão e apropriação de espaços. Esses espaços são cada vez mais heterogêneos, pela própria ação que exercem sobre a sociedade nas relações sociais de produção. Em segundo lugar, enumeramos as lutas sociais, que são resultantes da desigual distribuição do capital e das estruturas sociais correspondentes, sendo alimentadas por processos políticos e ideológicos particularizados. Então, a ação do Estado, através de políticas de planejamento regional, revela, em última instância, justamente a presença de conflitos sociais específicos subjacentes.

O Estado pode, então, promover cortes territoriais internos, procurando a reprodução material do capital. Também, pode controlar os movimentos sociais e assegurar a estrutura de poder vigente de acordo com as



aspirações do poder central. Dessa forma, geram-se, algumas vezes, lutas competitivas e particulares, repletas de tensões originadas pela política, por ideologias ou pela busca de poder.

**“A ação do Estado, através de políticas de planejamento regional, revela, em última instância, justamente a presença de conflitos sociais específicos subjacentes”.**

É desta forma que a região passa a ter poderes originados do modo como os indivíduos e grupos se relacionam em um espaço regional particular.



(Fonte: <http://oglobo.globo.com>).

## CONCLUSÃO

Acreditamos que você, após a leitura das aulas anteriores, e agora refletindo acerca dos fatos aqui apontados, tenha percebido que a influência da região sobre o indivíduo não ultrapassa a questão meramente cultural e simbólica. A humanidade atual está submetida a uma avalanche tão grande de informações, difundidas através dos meios de comunicação de massa, vindas e dirigidas a todas as partes do planeta, que a remota utopia de se viver livremente num mundo sem fronteiras nunca pareceu tão próxima de se tornar realidade.

Meu querido aluno, ou estimada aluna, a doutrina do regionalismo está presente em todos os ramos de conhecimento. Nas comunicações, por exemplo, estuda-se, no curso de Jornalismo, a disciplina “Comunicação regional e comunitária”. O motivo? Claro! É que surgem cada vez mais necessidades de jornais regionais.

Outro exemplo da força do regionalismo está na política, onde se discute, há vários anos, o polêmico tema do voto distrital, que regionaliza a força eleitoral das comunidades.

No entanto, os padrões universais de produção e consumo fizeram com que o conceito de mundialização fosse ordem do dia, repercutindo na idéia de criação de blocos de países, visando obter ganhos de escala que, por si só, contradizem a tese do fim das fronteiras. Ao contrário, são novas fronteiras que estão surgindo, as inter-blocos, e, acrescente-se, sem que as fronteiras nacionais tenham deixado de existir. Por isso, na próxima aula iremos apresentar a você os planos político-econômicos, como liberalismo e neoliberalismo, analisando a recuperação da Europa. Até lá!

## RESUMO

Como você viu, caro aluno ou querida aluna, a crescente desigualdade entre países, regiões e indivíduos, aliada à intensa competição econômica internacional são resultantes da denominada globalização.

Esta nova ordem mundial – a globalização – nada mais é do que a ideologia de quebrar as barreiras impostas pelas fronteiras. Para que eu seja mais clara, e não fique dúvidas com você, quando se fala em globalização, fala-se, na verdade, da ação dos diversos grupos empresariais hegemônicos que transpõem os limites físicos e políticos mundiais.

Ao agir desta forma, ignoram as fronteiras e criam as redes de ação que agora passam a emanar das relações econômicas estabelecidas nas diversas partes da superfície terrestre.



## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, iremos apresentar a você os planos político-econômicos, como liberalismo e neoliberalismo, analisando a recuperação da Europa. Até lá!



## ATIVIDADES

Comente a seguinte afirmação: “A existência de regiões com níveis de desenvolvimento desiguais resulta da articulação dos meios de produção em sua dimensão espacial”.



### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O modo de produção capitalista, na essência do pensamento marxista, é a forma de produzir riquezas e acúmulo de capital nas mãos dos donos dos meios de produção (terra, máquinas, dinheiro etc.). Quanto aos trabalhadores, apenas vendem o seu único meio de produção, que é a sua força de trabalho. Esse modo de produção determinou a estrutura econômica como um dos fatores mais expressivos para definir a ocupação dos espaços geográficos.

### REFERÊNCIAS

BEZZI, Meri Lourdes. Região: uma (re)visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2004.<http://www.paginavermelha.org/noticias/veu-frances.htm> acessado em 28/05/2007.